

Série Estratégias de Ensino 18



EDITORA AFILIADA

Série Estratégias de Ensino

1. *O ensino do espanhol no Brasil*
João Sedycias [org.]
2. *Português no ensino médio e formação do professor*
Clecio Bunzen & Márcia Mendonça [orgs.]
3. *Gêneros catalisadores — letramento e formação do professor*
Inês Signorini [org.]
4. *A formação do professor de português — que língua vamos ensinar?*
Paulo Coimbra Guedes
5. *Muito além da gramática — por um ensino de línguas sem pedras no caminho*
Irané Antunes
6. *Ensinar o brasileiro — respostas a 50 perguntas de professores de língua materna*
Celso Ferrarezi
7. *Semântica para a educação básica*
Celso Ferrarezi
8. *O professor pesquisador — introdução à pesquisa qualitativa*
Stella Maris Bortoni-Ricardo
9. *Letramento em EJA*
Maria Cecília Mollica & Marisa Leal
10. *Língua, texto e ensino — outra escola possível*
Irané Antunes
11. *Ensino e aprendizagem de língua inglesa — conversas com especialistas*
Diógenes Cândido de Lima (org.)
12. *Da redação à produção textual — o ensino da escrita*
Paulo Coimbra Guedes
13. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*
Roxane Rojo
14. *Libras? Que língua é essa?*
Audrei Gesser
15. *Didática de línguas estrangeiras*
Pierre Martinez
16. *A sentença e a palavra — estudo introdutório*
Ronaldo de Oliveira Batista
17. *Coisas que todo professor de português precisa saber*
Luciano Amaral Oliveira
18. *Gêneros textuais & ensino*
Angela Paiva Dionisio, Anna Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (orgs.)



GÊNEROS TEXTUAIS & ensino

Angela Paiva Dionisio
Anna Rachel Machado
Maria Auxiliadora Bezerra
[organizadoras]

EDITOR: Marcos Marcionilo

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Andréia Custódio

FOTO DA CAPA: banco de imagens Stockxpert

CONSELHO EDITORIAL: Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFES]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G29

Gêneros textuais e ensino / Angela Paiva Dionisio, Anna Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra, (organizadoras). - São Paulo : Parábola Editorial, 2010.

-(Estratégias de ensino ; 18)

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7934-021-5

1. Linguagem e línguas - Estudo e ensino. 2. Análise do discurso. 3. Professores de línguas - Formação. 4. Prática de ensino. I. Dionisio, Angela Paiva. II. Machado, Anna Rachel. III. Bezerra, Maria Auxiliadora. IV. Série.

10-2407.

CDD:407

CDU 800.7

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga

04281-070 São Paulo, SP

Fones: [11] 5061-9262 | [11] 5061-8075 | Fax: [11] 2589-9263

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-7934-021-5

© 2002 by Angela Paiva Dionisio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra

© desta edição: Parábola Editorial, São Paulo, junho de 2010

sumário

- 7 Nota do Editor
- 9 **APRESENTAÇÃO**
Angela B. Kleiman

Parte I

SUPORTES TEÓRICOS E PRÁTICAS DE ENSINO

- 19 1. **GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÃO E FUNCIONALIDADE**
Luiz Antônio Marcuschi
- 39 2. **ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E CONTEXTOS
TEÓRICO-METODOLÓGICOS**
Maria Auxiliadora Bezerra
- 51 3. **GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA**
Abuêndia Padilha Pinto
- 63 4. **GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO LETRAMENTO ESCOLAR INICIAL**
Lusinete Vasconcelos de Souza
- 81 5. **ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE FRANCÊS**
Eliane Gouvêa Lousada
- 95 6. **O CHAT EDUCACIONAL: O PROFESSOR DIANTE DESSE GÊNERO EMERGENTE**
Lília Santos Abreu-Tardelli
- 105 7. **O GÊNERO QUARTA CAPA NO ENSINO DE INGLÊS**
Vera Lúcia Lopes Cristóvão

- 117 8. AS LETRAS E A LETRA: O GÊNERO CANÇÃO NA MÍDIA LITERÁRIA
Nelson Barros da Costa

parte II
gêneros textuais na mídia escrita e ensino

- 135 1. VERBETES: UM GÊNERO ALÉM DO DICIONÁRIO
Angela Paiva Dionisio
- 149 2. REVISITANDO O CONCEITO DE RESUMOS
Anna Rachel Machado
- 163 3. “FRASES”: CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO E APLICAÇÃO PEDAGÓGICA
Cleide Emília Faye Pedrosa
- 179 4. O FUNCIONAMENTO DIALÓGICO EM NOTÍCIAS E ARTIGOS DE OPINIÃO
Dóris de Arruda Carneiro da Cunha
- 195 5. ENTREVISTA: UMA CONVERSA CONTROLADA
Judith Chambliss Hoffnagel
- 209 6. UM GÊNERO QUADRO A QUADRO: A HISTÓRIA EM QUADRINHOS
Márcia Rodrigues de Souza Mendonça
- 225 7. POR QUE CARTAS DO LEITOR NA SALA DE AULA
Maria Auxiliadora Bezerra
- 235 BIBLIOGRAFIA
- 243 OS AUTORES

NOTA DO EDITOR

.....

Gêneros textuais & ensino mereceu nossa atenção quando analisamos e concluímos que o livro ainda tem muito a dizer aos professores de língua materna. Diante disso, nós o incorporamos ao catálogo da Parábola Editorial, depois de ele ter circulado em seis edições no catálogo da extinta Editora Lucerna. Passarmos nós a editá-lo representa reconhecimento à necessidade do título na formação dos professores de língua portuguesa e também uma homenagem à visão de Evânildo Chauvet Bechara Filho, o primeiro editor do livro, tão precocemente desaparecido em maio de 2007. Com esta publicação, queremos, seguros da concordância das organizadoras, das autoras e dos autores, assinalar suas iniciativas editoriais no campo do ensino de línguas.

[Re]publicar o livro é também afirmar a necessidade de levar adiante as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, quando eles indicam os gêneros textuais como base para o trabalho com textos em sala de aula. Concordamos com essa orientação, ao mesmo tempo em que constatamos a grande confusão reinante na hora de implementar o trabalho com gêneros textuais no dia a dia das aulas de língua:

Todos se perguntam todo o tempo: o que são exatamente gêneros textuais? De que forma utilizá-los no cotidiano das escolas?

Para responder a essas e a muitas outras perguntas em torno da definição e da aplicação dos gêneros textuais, Ângela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra organizaram uma obra que reúne autores expressivos, que definem o tema e o aplicam à prática de ensino com uma novidade que ainda não se esgotou e que levará bom tempo até ser completamente assimilada no cotidiano da sala de aula.

.....

Gêneros textuais & ensino é uma obra pensada para os profissionais de ensino de línguas, em atividade e em formação. Seu objetivo é levar os alunos a desenvolverem competência no uso das funções da linguagem por meio do uso de um variado número de gêneros textuais. Isso supõe mudanças sensíveis na formação e na atuação dos professores, a partir da construção daquilo que Marcuschi chama tão apropriadamente de “gramática social”, ou seja, de uma gramática da enunciação.

Reflexão e ensino são os eixos que levam os autores a trabalharem diferentes estratégias de leitura e de produção de textos. Desejamos que a nova edição de *Gêneros textuais & ensino* leve a redimensionar o ensino de línguas e a aplicar os gêneros textuais aqui abordados [e outros ainda por abordar] à construção de sentidos que levem ao desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, mas também ao desenvolvimento de novas capacidades dos próprios professores.

apresentação

.....
ANGELA B. KLEIMAN

“... imensos tesouros de um sentido potencial”
[Bakhtin: Resposta ao Novy Mir]¹

a proposta dos PCNs de fundamentar o ensino da língua materna, tanto oral quanto escrita, nos gêneros do discurso desencadeou uma relevante e significativa atividade de pesquisa visando, primeiro, descrever uma diversidade considerável de gêneros a partir dos heterogêneos textos que os atualizam e, segundo, apresentar sugestões didáticas para o uso dos textos enquanto exemplares e fonte de referência de determinado gênero². Ambos são objetivos louváveis — tanto o linguístico-discursivo quanto o educacional —, que contribuem para tornar uma tarefa sempre presente no cotidiano do professor — como escolher um “bom” texto — uma atividade menos ambígua, menos árdua, menos onerosa. Ao contrário do que geralmente acontece com novas propostas impostas pelos órgãos governamentais, devido ao interesse teórico da noção de gênero, a concretização da proposta dos parâmetros nacionais pode não vir a constituir mais uma exigência e uma sobrecarga feitas a um profissional já demais exigido e sobrecarregado.

¹ (1992). In: *Estética da criação verbal*, pp. 366.

² Por exemplo, o livro organizado por Helena N. Brandão (2000), *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, ou as várias teses sobre gêneros e sua aprendizagem, dentre as quais mencionamos: Deborah C. P. da Costa (2001), *A construção de gêneros secundários na educação infantil: a emergência dos gêneros notícia e verbete*. Campinas: UNICAMP; Daniella L. Dias (2001), *A entrevista mediada por computador: uma proposta de análise da configuração do gênero*, Belo Horizonte: PUC; Lusinete V. de Souza (2001), *As proezas das crianças: das maltraçadas linhas ao texto de opinião*, São Paulo: PUC.

Este volume é um bom exemplo dessa contribuição, tão necessária num campo pouco explorado, o de produção, na universidade, de conhecimentos relevantes para a produção de conhecimentos na escola. Dividido em duas partes, o volume apresenta, na primeira, as bases teórico-metodológicas³ que fundamentam a noção de gênero como unidade enunciativo-discursiva nas práticas sociais institucionalizadas e que validam sua transposição para a escola, tanto pela evidência das análises dos gêneros como das experiências de seu ensino e aprendizagem. Na segunda parte, é analisado um conjunto significativo de gêneros da mídia escrita, discutindo-se, também, algumas implicações didáticas dessas análises que abrangem o suporte, o estilo, o tema, a composição, e/ou a função na situação sociocomunicativa, do gênero em foco.

Dentre as contribuições teóricas do volume, é importante destacar a análise e explicação de noções que saíram da academia, instituição onde a polêmica e o conhecimento inacabado, a ausência de consenso fazem parte de todo e qualquer programa de pesquisa, e que passaram a circular na escola, instituição que precisa da definição, da ordem, da classificação sem exceções. Embora o conjunto dos gêneros seja tido como potencialmente infinito e mutável, há na obra o esforço de criar campo e terminologia comuns para os eventuais usos pedagógicos dos gêneros, o que deveria, em princípio, facilitar a leitura dos trabalhos acadêmicos sobre o assunto para não especialistas (continuando, no entanto, a oscilação terminológica entre gênero textual e gênero discursivo, termos considerados equivalentes pelos autores que contribuem para o volume).

Assim, no primeiro capítulo, “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”, Luiz Antônio Marcuschi apresenta várias conceituações relevantes no campo e levanta argumentos para diferenciar tipo textual de gênero textual, duas noções que, para o autor, devem ser claramente distinguidas, pois sua confusão pode esvaziar a noção de gênero textual de sua carga sociocultural, historicamente construída, ferramenta essencial, para alguns, para a socialização do aluno via linguagem escrita. Esse rigor descritivo deveria dificultar uma compreensão equivocada do conceito de gênero no contexto escolar, que, por exemplo, limitasse o ensino dos gêneros a seus aspectos meramente estruturais ou

³ Seguindo a posição de Bakhtin (1953/1992) e os desdobramentos propostos por Bronckart (1999). Ver referências no volume.

que, para dar outro exemplo, ignorasse o fato de que a construção dos gêneros valorizados da escrita assenta-se nos gêneros da oralidade.

Continuando o percurso que relaciona teoria, metodologia analítica e prática escolar, o texto “Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos”, de Maria Auxiliadora Bezerra, aponta a necessidade de ensinar textos e gêneros da mídia, questão retomada na prática analítica dos diversos capítulos que se ocupam da descrição dos gêneros para fins didáticos.

Os dois textos seguintes levam a discussão ao campo específico da sala de aula, focalizando, dessa vez, o conhecimento do aluno. Em “Gêneros discursivos e ensino de língua inglesa”, Abuêndia Padilha Pinto recorta, de um projeto maior sobre o conhecimento de diversos gêneros por parte de alunos universitários, a produção de *slogans*, cartas e cartões postais em língua inglesa, a fim de verificar o domínio desses gêneros que, argumenta a autora, em princípio deveriam ser objeto de programas de ensino na escola no nível médio, pois constituem importante aprendizado para a socialização do aluno através de práticas discursivas valorizadas.

No capítulo seguinte, intitulado “Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial”, Lusinete Vasconcelos de Souza focaliza o aluno que está começando seus processos de alfabetização e letramento escolar. A autora discute os resultados de uma intervenção didática que visava à construção de gêneros argumentativos por crianças durante a pré-escola e a 1ª série. A análise dos textos produzidos por uma criança, ao longo de um período de dois anos, é argumento convincente do seu processo de aprendizagem, que envolve a apropriação de gêneros jornalísticos expositivos para a construção do gênero que a autora denomina texto de opinião escolar.

No capítulo seguinte, intitulado “Elaboração de material didático para o ensino de francês”, Eliane Gouvêa Lousada apresenta, de forma programática, uma proposta temática para o ensino de francês de nível avançado, fundamentada na leitura e produção de gêneros da mídia: jornal, *sites* na internet, programas na tv, em combinação com propostas dos manuais didáticos de francês como língua estrangeira. Um dos aspectos interessantes da proposta é a integração dos materiais do livro didático com textos da mídia eletrônica, o que torna a possibilidade de uso, no ensino, de gêneros que circulam em práticas sociais fora da escola, mais concreta. O ensino embasado nos gêneros não é apenas uma questão de disponibilidade mas, sobretudo, de viabilidade, nas condições de trabalho vigentes na sala de aula.

Gênero emergente e pouco conhecido e, por isso, com menos probabilidades de utilização, é objeto de análise no capítulo seguinte desta primeira parte. No texto “O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente”, Lilia Santos Abreu-Tardelli caracteriza o *chat* enquanto ferramenta material de ação numa situação de aprendizagem muito recentemente desenvolvida, mas que, na opinião da autora, pode constituir-se numa tecnologia eficaz na comunicação professor aluno, desde que melhor entendido e utilizado.

A seguir, no capítulo intitulado “O gênero quarta capa no ensino de inglês”, Vera Lúcia Lopes Cristóvão defende a construção de modelos didáticos de gêneros para guiar o ensino. Esses modelos, a ser utilizados na elaboração de materiais didáticos para o ensino, deveriam incorporar, segundo a autora, tanto aspectos programáticos quanto aspectos curriculares, descrições linguístico-discursivas e, também, uma avaliação das capacidades do aluno. A análise proposta é exemplificada com o gênero quarta capa (mais conhecido como contracapa) que, além de ser altamente legível pelo fato de ser curto e acessível, tem a função social de seduzir o leitor para outras leituras.

Encerrando a primeira parte, no capítulo, “As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária”, Nelson Barros da Costa argumenta que, quando a literatura especializada é parcimoniosa em relação a um gênero importante na tessitura sociocultural brasileira, como no caso do gênero canção (articulador por excelência de linguagem verbal com linguagem musical), então, a caracterização discursiva desse gênero negligenciado deve ser transformada numa ocupação legítima e necessária do analista, para viabilizar o trabalho didático e seu ensino na escola.

Na segunda parte do volume, encontramos a análise de um conjunto significativo de gêneros que ocorrem na mídia escrita. Encontramos velhos conhecidos do campo didático, porém transformados pelo tratamento teórico que aqui recebem e pelo processo de transformação que os seus novos suportes — jornais e revistas — neles exercem. Assim, Angela Paiva Dionisio analisa, no capítulo “Verbetes: um gênero além do dicionário”, esse gênero, porém não como uma entrada em dicionários ou enciclopédias, nem nos suportes usuais, os dicionários ou enciclopédias, que originalmente abrigaram esse gênero escolar por excelência. Interessa à autora a migração do gênero verbete para os textos veiculados em revistas dirigidas a um público leitor adolescente, onde são tematicamente (em vez de alfabeticamente) organizados, mantendo a função social de instruir o público leitor.

.....

Anna Rachel Machado também realiza uma análise de um velho gênero transformado pela mídia escrita e, portanto, pelas condições de recepção previstas nesses veículos, no capítulo “Revisitando o conceito de resumos”, onde examina a produção textual resultante do processo de sumarização. Essa produção é articulada em diversos gêneros da mídia escrita que podem ser mais, ou menos, autônomos, de algum texto original e, portanto, não resultam necessariamente dos processos de redução semântica pressupostos por teorias cognitivas e textuais e ainda ensinados (quando ensinados) na escola.

O capítulo “Frases: caracterização do gênero e aplicação pedagógica”, de autoria de Cleide Emília Faye Pedrosa, também revisita um antigo objeto didático, a frase, porém não como objeto sintático mas, como nos demais trabalhos, enquanto gênero jornalístico de revistas e jornais. O gênero frase estaria, assim, orientado por representações sobre o contexto de produção, os destinatários, a instituição social em que foi produzida, além de obedecer a um padrão formal de textualização. O ensino alicerçado nas frases — humorísticas, atuais e fáceis porque extremamente curtas — pode vir a ser o início de uma nova relação com a língua escrita para aqueles alunos que “não gostam de ler”.

Também realizando uma análise que nos mostra um velho conhecido sob um novo olhar, no capítulo de título “O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião”, Dóris de Arruda Carneiro da Cunha utiliza a perspectiva teórica do dialogismo bakhtiniano para analisar as formas em que os discursos inscrevem-se na notícia e no artigo de opinião, e argumenta que o funcionamento dialógico diferenciado — ou seja, as diversas formas de representação do discurso dos outros — pode constituir relevante eixo para o ensino desses gêneros jornalísticos na escola.

No capítulo intitulado “Entrevista: uma conversa controlada”, Judith Chambliss Hoffnagel explora as possibilidades didáticas do gênero tal qual atualizado em textos de diversas revistas populares: informativas, noticiosas, de fofocas, para público adulto ou adolescente. A autora afirma que a entrevista jornalística é um subtipo dentro de uma constelação de eventos orais transcritos para publicação, com uma estrutura formal comum, o par pergunta-resposta, e com recursos estilísticos diferenciados que refletem as relações sociais que orientam a interação e que determinam editorações realizadas segundo as representações sobre o público leitor específico.

Em “Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos”, Márcia Rodrigues de Souza Mendonça, motivada por questões de ordem didática, busca nas

.....

histórias em quadrinhos da mídia escrita o gênero que poderá converter para a leitura o aluno que não lê (ou, melhor dito, “que não lê o quê?”, como bem coloca a autora). Tipologicamente heterogêneas (embora a sequência narrativa seja a mais comum), variadas nas interseções intertextuais que estabelecem com outros domínios discursivos (por ex., em campanhas educacionais, nos anúncios publicitários, na divulgação de clássicos da literatura), as histórias em quadrinhos poderiam atender os desejos, necessidades e objetivos de leitura de um público leitor também heterogêneo, desde que não sejam utilizadas como pretextos para exercícios de gramática, mas como objetos semióticos complexos, para desenvolver o gosto pela leitura e, eventualmente, propiciar oportunidades de produção textual para o aluno.

O segundo texto de Maria Auxiliadora Bezerra, e último nesta coletânea, “Por que cartas do leitor na sala de aula?”, apresenta uma proposta pedagógica envolvendo um conjunto de atividades que visam tanto à reflexão sobre o funcionamento da linguagem quanto ao desenvolvimento da leitura. A autora recomenda que as atividades propostas sejam organizadas segundo interesses temáticos dos alunos e que tenham como um dos objetivos finais a produção, pelo aluno, de textos do gênero cartas do leitor, para publicação na mídia escrita, podendo essa produção funcionar como âncora do trabalho sistemático sobre esse gênero nos diversos meios de comunicação.

As discussões teóricas e as análises de gêneros incluídos neste volume trazem uma contribuição valiosa para o ensino e a formação do professor de língua. Os textos aqui reunidos tornam acessíveis ao professor, ao aluno dos cursos de pedagogia e de letras, aos estudiosos da linguagem em geral, um conjunto de gêneros novos, relativamente desconhecidos, da mídia eletrônica, e um segundo conjunto de gêneros, mais bem conhecidos, porém com uma roupagem nova — a dos suportes da mídia escrita — e, portanto, com novas funções em novas situações comunicativas. A originalidade da descrição linguístico-textual e discursiva dos gêneros para efeitos didáticos encontra-se na realização de tal descrição sem deformar o gênero no processo, como acontece nos tratamentos efetuados pelos livros didáticos, que descaracterizam aspectos constitutivos de práticas sociais que envolvem alguma forma de ação — cantar a letra de uma canção, mandar uma opinião a um jornal, citar uma frase memorável — em textos que materializam os gêneros.

Se considerarmos todo processo de didatização como uma forma de construção de conhecimento na prática social segundo os parâmetros da institui-

ção, o trabalho do analista será o de descrever a heterogeneidade constitutiva dos textos pertencentes a um gênero e o do professor o de realizar as transformações necessárias para a retextualização do gênero na aula — o processo conhecido como transposição didática — que, bem realizado, permita desenvolver no aluno a capacidade que Bakhtin, no texto da epígrafe, atribui ao “escritor artesão”, aquele que consegue usar o gênero, de forma competente e crítica, ao fornecer-lhe uma “matriz externa”, porém sem aprisioná-lo num clichê pré-determinado. E que, dessa forma, abra espaço para o “grande artista” revelar “as virtualidades do sentido latentes no gênero”.